

11028- Autonomia e soberania alimentar: a geração de renda no agroecossistema camponês

Autonomy and food sovereignty: the generation of income in the peasant agroecosystem

HADICH, Ceres Luisa Antunes¹; BEZERRA, Islandia²; BRUNET-LEYVA, Ramón Nonnato³; TARDIN, José Maria⁴

1 Engenheira Agrônoma. Mestranda em Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável pela Universidad Agraria de La Habana - Cuba. Membro da Coordenação Político Pedagógica da Escola Latino Americana de Agroecologia – ELAA, Lapa. E-mail: ceres@mst.org.br ou escola_latinoamericana@mst.org.br; 2 Nutricionista. Doutora em Ciências Sociais / UFRN. Professora Adjunta Dnut/UFPR. E-mail: islandia@ufpr.br; 3 Engenheiro Agrônomo, Doutor; Professor Titular do Departamento de Solos da UNAH, Cuba. E-mail: brunet@isch.edu.cu; 4 Técnico Agropecuário, Graduando em Serviço Social / UFRJ, Rio de Janeiro. Membro da Coordenação Político Pedagógica da Escola Latino Americana de Agroecologia – ELAA, Lapa. E-mail: tardinjosemaria@gmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é trazer subsídios empíricos e argumentar as potencialidades das famílias camponesas na busca pela construção de territórios sustentáveis em prol da sua soberania e segurança alimentar e nutricional em contraposição ao modelo de expropriação realizada pelo agronegócio. Nesse sentido, toma-se como universo de pesquisa um assentamento da região sul do Paraná que conta com a pressão de vários segmentos da agricultura voltada à exportação como soja e milho. A partir da metodologia empregada – diálogo de saberes - os resultados e análises favorecem a concepção de que entre as variáveis estudadas as famílias trabalham, produzem e reproduzem, a partir do seu agroecossistema camponês com vistas a garantir sua soberania alimentar e autonomia social e econômica.

Palavras-chave: soberania alimentar, diálogo de saberes; economia camponesa, autonomia camponesa.

Abstract: *The objective of this work is to bring empirical and subsidies, argued the potential of rural families in the search for sustainable building territories for the sake of their sovereignty and food security and nutrition as opposed to the model of expropriation carried out by agribusiness. In this sense, is taken as a universe for settlement in the northern region of Paraná, which has the pressure of various segments of the export-oriented agriculture such as soybeans and cornbeans. From the methodology employed - dialogue of knowledge - and analyzes the results favor the view that among the variables studied families work, produce and reproduce, from your agrosistema peasants in order to guarantee food sovereignty and social and economic autonomy.*

Key Words: *food sovereignty, dialogue of knowledge; peasant economy; peasant autonomy.*

Introdução

O modo de vida camponês se baseia no acesso e controle dos meios de produção e o uso prioritário da força de trabalho familiar; voltando a produção para o auto-consumo e a venda de excedentes. Compreender tais relações, e torná-las conscientes dentro da família são parte do processo de construção da autonomia camponesa e da soberania alimentar, baseado em uma agricultura camponesa agroecológica.

A experiência sistematizada e apresentada neste artigo foi conduzida a partir do método

do Diálogo de Saberes no encontro de culturas. Tal método, que para Toná e Tardin (2009) “pretende orientar as relações entre técnicos e camponeses, e destes entre si”, vem sendo desenvolvido nos cursos técnicos formais das escolas da Via Campesina e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST.

Metodologia

Foram realizados dois encontros que tiveram a orientação de um roteiro previamente sistematizado, isto é, continham informações referentes aos subsistemas presentes no agroecossistema. Nos encontros foram desenvolvidos os seguintes passos: 1) as famílias contam suas histórias de vida; 2) desenham o *croqui* do agroecossistema; 3) realizam um levantamento da biodiversidade.

Para fins de análise estão enfocados neste artigo as seguintes variáveis: 1) questão das Relações de Trabalho e Cooperação (força de trabalho e rendimento); 2) a Soberania Alimentar (relação entre a produção agrícola, produção para auto-sustento, autonomia familiar) e 3) as Rendas Não-Monetária e Monetária – a relação entre o trabalho na produção agropecuária. Os cálculos se baseiam nas fórmulas propostas por MST, AS-PTA e Instituto Giramundo (2005), que são utilizados na construção das análises do Diálogo de Saberes.

Resultados e discussão

Os resultados e discussões apresentados a seguir refletem algumas análises parciais do objeto da pesquisa realizada. No que concerne à primeira variável analisada - Relações de Trabalho e Cooperação - (força de trabalho e rendimento) tem-se a seguinte constatação:

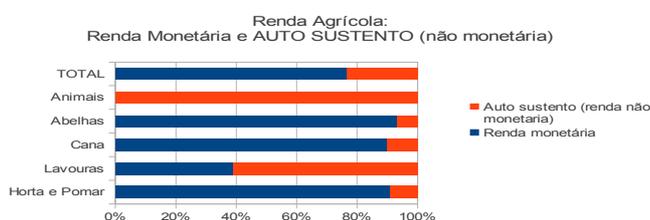


Figura 01. Produção Agrícola: Renda monetária e não monetária (auto-sustento)
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Pelo que se observa, de acordo com a pesquisa, é que 80% da renda provém da venda de parte da produção. Ao analisarmos um subsistema em específico – produção animal (carne e derivados) - observa-se que 100% das famílias fizeram referência que o destino é o auto-consumo. Esta constatação é relevante uma vez que demonstra a necessidade de garantir para a família a disponibilidade de alimentos ricos em proteínas, fundamentais para uma boa nutrição. A figura demonstra ainda a que as lavouras de feijão, milho, mandioca correspondem a 60% da renda gerada não-monetária, porque está voltada ao consumo das famílias, e o restante comercializado. A Figura seguinte contribui para a percepção de como produção no agroecossistema contribui para a geração de autonomia e Soberania Alimentar das famílias:

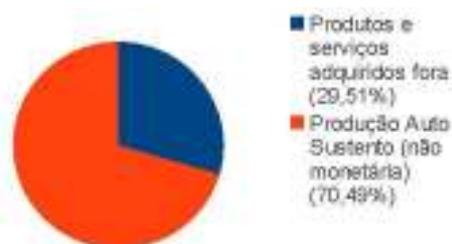


Figura 02. Soberania alimentar e sua relação com a autonomia das famílias camponesas.
Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

A figura 2 evidencia que mais de 70% da produção é destinada ao auto-sustento das famílias. Convertendo esses dados monetariamente, teríamos um gasto médio mensal/família de R\$ 450,00. Para além do valor monetário, propriamente dito, convém ressaltar que estes alimentos são produzidos ecologicamente e se caracterizam, portanto, como sendo alimentos saudáveis e diversificados e representa uma disponibilidade real e concreta de acessibilidade alimentar para todos os membros da família. 30% restantes corresponde a alimentos e produtos adquiridos no mercado - média que gira em torno de R\$100,00 por mês. Este gasto 'poupado' pela família, a chamada renda não monetária é importante de ser destacada, pois representa um fator determinante na resistência dos camponeses no campo. A produção dos alimentos e o controle dos insumos e dos meios de produção permitem às famílias camponesas definir o que irão plantar, em qual período do ano, a escolha da tecnologia de produção, de acordo com as necessidades e com suas possibilidades de trabalho e recursos caracterizados nesta pesquisa como princípios para autonomia.

É interessante observar que na medida em que a família garante a sua reprodução social, familiar e monetária há o que Ploeg (2006) compreende como sendo “modo camponês de fazer agricultura”. Neste processo, evidencia-se o retorno e/ou reativação dos(as) agricultores(as) de “antigas” ou “velhas” técnicas e formas camponesas de trabalhar e produzir sem, necessariamente, desconsiderar a sua necessidade de se inserir no mercado.

Os relatos trouxeram constatações óbvias, mas que para muitos não estão tão claras. Ao chegar no lote, muitas vezes as famílias chegam sem condições de realizar sua sobrevivência. No entanto, também se fizeram presentes nos relatos que algumas famílias trazem um pouco de sementes, algumas criações, e algumas poucas ferramentas. Com o passar dos anos, as conquistas do dia a dia se multiplicam e passam a configurar como “*uma grande vitória e conquista que sonhávamos quando saímos em busca da terra*”, como afirmou uma das camponesas. Entre os desafios que cabem à agroecologia está justamente este, que é determinante à qualidade de vida e valorização do trabalho. De acordo com os dados desta pesquisa, mais de 62% da renda das famílias é proveniente da agricultura. Os demais 37% são originados por outras fontes não agrícolas.

Ao relacionarmos o tempo de trabalho e a renda gerada, fica evidente que a atividade agrícola tem um potencial de geração de renda muito superior à renda não agrícola. Esta constatação reflete outro dado que merece consideração: o trabalho na produção agrícola traz melhor resultado monetário do que são realizados fora do lote. No entanto convém ressaltar que as atividades não agrícolas em sua maioria estão voltadas à contribuição

militante no MST. Nestas somam-se atividades dentro do assentamento, participação no processo de mobilizações, cursos de formação, nas instâncias organizativas do MST e na Escola Latino Americana de Agroecologia.

Seguindo nossa análise, finalmente chegamos aos subsistemas, nos quais queremos abordar dois aspectos econômicos, a partir dos dados gerados pelo diálogo com as famílias: o Valor Agregado (VA) e a Rentabilidade (RENT). Estes dados estão apresentados no quadro 01:

| | Indicadores | Econômicos |
|----------------------|--------------------|-------------------|
| | VA | RENT |
| Horta e Pomar | 12716 | 5,96 |
| Lavouras | 1742 | 6,01 |
| Cana | 1710 | 19 |
| Abelhas | 1800 | 1800 |
| Animais | 1420 | 1,29 |
| Total | 19388 | 5,36 |

Quadro 01. Demonstração em real (R\$) dos subsistemas identificados.
Fonte: Pesquisa de campo, 2011

O Valor Agregado (VA) representa o trabalho que os camponeses e camponesas realizam, utilizando os insumos e os meios de produção que eles tem, e com isto, geram nova renda. Este é calculado a partir do produto bruto (o total do que se produziu) menos os gastos monetários necessários para se produzir. Para tanto, tem-se a seguinte equação:

Subsistema Horta e Pomar o Produto Bruto (PB) anual = R\$ 14.850,00.

O Consumo Intermediário (CI) (gastos com sementes, insumos, hora máquina) = R\$ 2.134,00.

Então, temos: $PB - CI = VA$

$$14.850,00 - 2.134,00 = 12.716,00 \text{ R\$}$$

Este é o valor agregado pelas famílias no subsistema Horta e Pomar, no ano agrícola 2010-2011.

Este dado evidencia que em relação aos diversos subsistemas, e ao agroecossistema como um todo, o quanto se percebe a importância do TRABALHO como um elemento central do processo de geração da riqueza. É com o seu trabalho que a família camponesa transforma a natureza, utilizando os meios de produção e insumos (sementes, adubos), segundo o seu planejamento e a organização dos espaços e realizam nova produção. O “modo de vida camponês” se apresenta como uma condição *sine qua non* para a manutenção e sobrevivência deste camponês.

Este, é subordinado como realizador da reprodução simples do capital na medida em que sua situação na divisão social do trabalho é de portador de limitados meios de produção e mercadorias que uma vez pelo trabalho agrega valor na produção de mercadorias. Retém uma parte para seu auto-sustento e outra parte constituindo o excedente, conduzirá ao mercado de trocas por dinheiro com o que comprará novas mercadorias para satisfação de necessidades da família e outras para dar continuidade direta à produção. Por esta situação social dada pela condição material da produção se situa impedido ou submetido

pela ordem capitalista sem capacidade de realizar a reprodução ampliada do capital. Portanto, não é uma questão de escolha do campesinato, sua opção consciente e ideológica, e sim, imposição material do capital. Estar consciente desta subordinação social material, lhe permite traçar estratégias para organizar individualmente ou preferentemente enquanto classe, a produção material e sua reprodução social ampliando relativamente sua autonomia e mesmo constituindo formas práticas de produção e de ação política em confronto com a forma social do capital com vistas a transformação radical da sociedade.

Ainda em relação a tabela um segundo indicador possível de ser analisado é a rentabilidade. Ele relaciona o quanto de retorno tem a família em cada investimento que há por atividade. Seguindo o exemplo da horta:

$VA \div CI = \text{Rentabilidade}$. Teremos então: $12.716,00 \div 2.134,00 = 5,96$.

Para cada 1 real investido no subsistema, houve um retorno de R\$ 5,96.

É possível, ainda, analisar em separado cada subsistema, e assim veremos que alguns deles apresentam rentabilidades distintas e outros, o que nos indica uma potencialidade de investimentos e prioridades, desde o ponto de vista da geração da renda. Os resultados aqui analisados sugerem, portanto, que há muito o que ser feito para garantir a visibilidade necessária aos agrossistemas, sobretudo, em termos da autonomia, geração de renda e soberania alimentar das famílias camponesas.

Agradecimentos

Este artigo foi possível de ser realizado graças à fundamental contribuição dos camponeses agroécólogos e militantes assentados no Assentamento Contestado e trabalhadores da ELAA, que se abriram ao Diálogo de Saberes e compartilharam conosco sua experiência.

Bibliografia Citada

MST, AS-PTA e Instituto Giramundo Mutuando. **Agroecologia: notas introdutórias e análise de agroecossistemas**. Cartilha Mimeo. 2005.

PLOEG, J. D. van der. **Camponese e Impérios alimentares** – lutas por autonomia e sustentabilidade da era da globalização. Porto Alegre/RS: Editora UFRGS, 2008.

_____. O modo de produção camonês revisitado. In: SCHNEIDER, Sergio (Org.). **A diversidade da agricultura familiar**. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2006. p. 13-56.

TONÁ, Nilciney e TARDIN, José Maria. **O Diálogo de Saberes, no Encontro de Culturas: a Promoção da Agroecologia na Base dos Movimentos Sociais Populares**. Artigo apresentado no VI Congresso Brasileiro de Agroecologia e II Congresso Latino Americano de Agroecologia, Curitiba, 09 a 12 de novembro de 2009.